

DIVERSIDADE, IDENTIDADE E DIFERENÇA INTERPELANDO AS PRÁXIS
PEDAGÓGICAS

*DIVERSIDAD , IDENTIDAD Y DIFERENCIA INTERPELANDO LA PRAXIS
EDUCATIVA*

*Cecília de Campos França¹
Gerson Marques Frutuoso²*

RESUMO: Esse artigo visa compartilhar nosso trabalho reflexivo e os resultados obtidos no projeto Novos Talentos, do *campus* de Tangará da Serra, financiado pela CAPES. Com o (re) conhecimento da diversidade social que se faz presente nas instituições escolares, propusemos nos interrogar sobre as práticas pedagógicas em curso, e estabelecer diálogo com os sujeitos sociais, para construirmos um projeto, simultaneamente, de estudo, pesquisa e extensão voltado à comunidade de Tangará da Serra, Mato Grosso. O aporte teórico utilizado para as análises contou com autores como Barros-Filho (2012), Habermas (2002), Berger e Luckmann (1999), Silva (2000), Geertz (2008), Santos (2010), Ramose (2010) dentre outros. O público alvo do trabalho foram os professores da rede pública da cidade. Algumas considerações preliminares acerca das reflexões apontam que para a construção de uma democracia inclusiva temos de nos posicionar diante do Outro com responsabilidade solidária visto como *um dos nossos*, embora continue sendo o Outro. Além disso, é necessário que nos organizemos para lutar pela materialização das leis no cotidiano das escolas, bem como, para tensionar o poder público a cumprir sua parte no quesito de infraestrutura das escolas, formação de qualidade para os professores, melhores salários e condições de trabalho proporcionando os recursos necessários para que o processo ensino-aprendizagem possa acontecer com êxito. Como produto dessa pesquisa foi elaborada uma coletânea de textos produzidos pelos participantes. Esse material está em fase de edição e será distribuído gratuitamente para as escolas da cidade e região.

Palavras Chave: Etnoculturalidade; Educação, Trabalho Docente, Alteridade

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo compartir nuestro trabajo y los resultados de reflexión del proyecto Novos Talentos del campus de Tangara da Serra, el cual tiene apoyo financiero de CAPES. Con el (re)conocimiento de la diversidad social que está presente en las escuelas, hemos propuesto nosotros mismos preguntar sobre la praxis pedagógica en curso, y establecer el diálogo con los

¹ Cecília de Campos França – graduada em Psicologia e Pedagogia, mestre e doutora em Educação pela PUC/SP. Fez pós doutorado em Educação na UNICAMP. Profa Efetiva da Universidade do Estado de Mato Grosso. Pesquisadora no Projeto Novos Talentos com financiamento Capes. e-mail: cecilfran@yahoo.com.br

² Gerson Marques Frutuoso – graduado em Pedagogia pela FASB . Músico instrumentista e Prof. efetivo da Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Participou como colaborador-pesquisador na elaboração desse artigo. Tem experiência como tutor da UAB/Unemat no curso de Física. E-mail: gersonfrutuoso9@gmail.com

sujetos sociales, para construir un proyecto simultáneamente de estudio, de investigación y de extensión dirigida a la comunidad de Tangará de la Serra, Mato Grosso. El enfoque teórico utilizado en el análisis incluyó autores como Barros Filho (2012), Habermas (2002), Berger y Luckmann (1999), Silva (2000), Geertz (2008), Santos (2010), Ramose (2010), entre otros. El trabajo fue dirigido a los maestros de escuelas públicas de la ciudad. Algunas consideraciones preliminares sobre las reflexiones indican que, para la construcción de una democracia inclusiva, tenemos que asumir delante del Otro una responsabilidad solidaria, viéndolo como uno de nosotros, a pesar de que siga siendo el Otro. Por otra parte, es necesario organizarnos para luchar por la realización de las leyes en las escuelas de educación primaria, así como exigir que el gobierno haga su parte en relación a la infraestructura de las escuelas, la formación de calidad para los maestros, mejores sueldos y condiciones de trabajo, proporcionando los recursos necesarios para que el proceso de enseñanza-aprendizaje sea exitoso. Como producto de esta investigación se elaboró una colección de textos producidos por los participantes. Este material se encuentra en fase de edición y se distribuirá gratuitamente en las escuelas de la ciudad y de la región.

Palabras Clave: Etnoculturalidad; Educación, Trabajo Docente, Alteridad

PROJETO NOVOS TALENTOS

O projeto *Diversidade e Educação - pesquisa e ação no espaço escolar* fez parte do Projeto Novos Talentos financiado pela CAPES, aprovado por um grupo de professores da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* Tangará da Serra, MT, formados em áreas distintas de conhecimento. Teve como foco pensar os conceitos de diversidade e educação, bem como discutir a diversidade etnocultural brasileira e suas manifestações na escola. Foi um trabalho de pesquisa, ensino e extensão que buscou problematizar a ação docente e incentivar modificações/transformações nas práticas pedagógicas em curso. O público alvo foram os professores da rede pública na cidade de Tangará da Serra, Mato Grosso, nos anos de 2012 e 2013. Ao final dos encontros, os participantes, sob orientação, produziram textos de suas experiências profissionais o que gerou uma coletânea para publicação. Posteriormente esse material será distribuído gratuitamente para as escolas da cidade e região. Um dos objetivos foi divulgar modos de atuação que têm sinalizado caminhos profícuos para o exercício da docência que considere a diversidade e a complexidade constitutivas do processo educacional e do espaço escolar.

Este texto contempla também parte das temáticas discutidas e as reflexões que foram feitas junto aos grupos que participaram de nossos encontros.

ALTERIDADE

A tolerância com o diferente tão cara a muitos é, dentro da perspectiva que escolhemos nos posicionar, uma manifestação arrogante daquele que se coloca como referência para os demais. O que reivindicamos aqui é a disposição em se colocar diante do Outro com simetria de valor e poder. Seria uma inversão do modelo que nos apropriamos de alteridade herdada da antiguidade grega, que permaneceu no Império Romano e atingiu seu apogeu na modernidade com a filosofia de Descartes. Esse modelo se refere em primeira instância ao Eu como evidência de existência associada ao pensar racional capaz de duvidar. Os sentidos e o aspecto emocional são desqualificados e subtraídos do processo de construção de conhecimentos. Quanto ao Outro a referência é de suposição, nada mais. O Outro é posterior ao Eu. Essa evidência de que estamos imersos nesse paradigma de alteridade em que o Eu precede o Outro tem uma demonstração material pela composição das gramáticas modernas que ao explicitarem os pronomes pessoais iniciam pelo pronome pessoal Eu. Longe de ser isso uma coincidência, explicitam uma maneira de olhar, de conceber a existência, o mundo e o Outro como elemento posterior ao Eu descartiano. O indivíduo na modernidade ganha sua máxima expressão e importância (BARROS-FILHO, 2012).

Ao invertermos essa lógica temos o Outro como referência primeira para a existência de um Eu. Essa inversão proposta por Nietzsche e Sartre desvela que se há um Eu é porque esse foi precedido por Outros que viabilizaram sua existência. Essa compreensão se mostrou mais consistente, pois se pensarmos que quando nascemos precisamos dos demais para que possamos ao longo do tempo moldar nosso olhar, apreender significados culturais e para nos diferenciar do contexto, então o Outro é condição primeira para a existência de um Eu. Esse processo de diferenciação permite que a pessoa se perceba como um Eu em meio a Outros. Não podemos nos furtar ao direito de dizer que Durkheim também traz uma contribuição fundamental a essa inversão paradigmática quando afirma que a sociedade é superior ao indivíduo (BARROS-FILHO, 2012). Esse processo denominado de individuação ocorre para que o sujeito social construa consciência de sua existência e das condições em que ele está imerso.

A inversão do paradigma em Nietzsche e Sartre encontra pontos de convergência com a filosofia Ubuntu. Esse outro paradigma de alteridade evoca o cuidado de si *pele* e

no cuidado do Outro. .O posicionamento passa a ser: *olhar para o Outro e nos vemos nele, assim como vemos ele em nós*. A máxima passa a ser: *Eu sou porque Nós somos*. Um é condição do outro.

Falar em diversidade é reconhecer que cada um de nós representa somente uma possibilidade de ser dentre infinitas outras. É considerar que quando estamos diante de alguém temos que nos fazer entender, respeitar, dialogar, negociar e buscar construir uma responsabilidade solidária pelos sujeitos vistos como *um dos nossos*, embora continue sendo o Outro. Trabalhar para abolir o preconceito, a discriminação, reverter à condição dos marginalizados para pessoas de direitos, com acesso aos bens culturais, garantir representatividade a todos os cidadãos nas instâncias deliberativas somente será possível diante de uma relação de deferência mútua. Nas palavras de Habermas (2002, p.8) a *“inclusão do outro”* significa que as fronteiras da comunidade estão abertas a todos – também e justamente àqueles que são estranhos ao outro – e querem continuar sendo estranhos. O respeito à legitimidade de ser Outro em meio a uma determinada comunidade está na base das relações sociais e democráticas.

DIVERSIDADE, EDUCAÇÃO, IDENTIDADE E INTERCULTURALIDADE

As relações que se estabelecem dentro das escolas são resultado da interiorização de valores, idéias, concepções, modos de olhar e ser que estão presentes e circulantes nas culturas (BERGER e LUCKMANN, 1999). Sendo assim, urge a necessidade de dialogarmos sobre a importância de reconhecer diferenças e semelhanças sem que uma ou outra possa representar inferioridade ou discriminação. O diverso, o múltiplo, o plural é condição primeira da manifestação do ser humano. No entanto, não se pode naturalizar esta condição e deixar de pensar sobre ela (SILVA, 2000). É preciso que recorrentemente possamos distinguir conceitualmente, em nossas falas e práxis, diversidade, diferença e desigualdade. A primeira é condição de nossa existência, mas, a diferença que hierarquiza e a desigualdade são produzidas nas sociedades e, muitas vezes, reafirmadas e reproduzidas no espaço escolar. Trazer para nossa atuação pedagógica esse senso crítico, esta diversidade e pluralidade em sua complexidade, é nos permitir acessar possibilidades inimagináveis.

No processo educacional, formal e informal, o que vivemos são relações sociais e construção de conhecimento. Os professores que se sensibilizam e questionam: Por que se estabelecem as relações de uma dada maneira e não de outras? Quais as

consequências de seus posicionamentos para as pessoas e para a sociedade? Por que um conjunto de conhecimentos é valorizado em detrimento de outros? Com isto, buscam materializar ações pedagógicas críticas. Estas ações reflexivas sistemáticas encaminham o processo educacional para politização, emancipação e autonomia dos sujeitos envolvidos nele.

Diferenças e identidades devem ser consideradas e tratadas como produção social que envolve relações de poder. Tanto uma como outra dizem respeito à *atribuição de sentido ao mundo social e à disputa e luta em torno dessa atribuição* (SILVA, 2000, p.96). O encontro com o Outro é inevitável e cria contraste, em suas múltiplas dimensões expressas na sociedade e na escola. Esse contraponto pode evoluir para hostilidades, tensões, conflitos, confrontos e violência (SILVA, 2000).

Difícilmente conseguiremos qualidade na educação em uma sociedade autoritária, desigual, violenta, individualista, competitiva e que naturalizou as mazelas sociais. Será possível pensarmos em relações equitativas sem que se consiga transformar a ganância de uns poucos em responsabilidade para os muitos outros?

Como não se indignar com os discursos de muitas vozes que discutem reconhecimento, multi e interculturalidade e, ao mesmo tempo, presenciar a violência praticada sem limite, a luz do dia, contra diversos grupos sociais desfavorecidos? Como não se sensibilizar diante da reivindicação legítima dos professores por todo o Brasil pela decência e respeito aos direitos sociais e trabalhistas, já pertencentes às leis brasileiras e, que são aviltados, lesados, eliminados em prol da *socialização de prejuízos* causados aos cofres públicos pelas “autoridades” que deveriam lhes representar? E, quando os servidores, lesados em seus direitos trabalhistas vão as ruas protestar, ação essa prevista em nossa Constituição, são massacrados pela violência impetrada pelas “autoridades” e posta em ação por policiais, que guiados por sua alienação, desumanização e despolitização, moldados com treinamentos para se subordinarem à hierarquia, atendendo sem questionar as ordens recebidas, agridem justamente os servidores que deveriam contar com sua proteção. Proteção essa que deveria acontecer caso esses policiais ainda conseguissem pensar e ter algum nível de sensibilidade humana e/ou política. Assim poderíamos expor tantos outros exemplos atuais na sociedade brasileira.

Multiculturalismo Crítico, interculturalidade dizem respeito a não somente reconhecer a multiplicidade de culturas existentes, mas também em estabelecer diálogo, com todas elas objetivando troca de saberes e enriquecimento de referências. Mais que

isso, se colocar diante do Outro com simetria de valor e poder. Como nos diz Geertz (2008) a cultura é constitutiva do ser humano, molda-nos o olhar, o gosto, o paladar, os sentimentos, os desejos, a vestimenta, o comportamento, o pensamento etc. Sendo assim, ao mesmo tempo em que ela nos limita oferecendo formas e modos de ser possíveis, é ela que nos oportuniza a existência. Existência essa que se revela dentre tantas coisas paradoxal. É no encontro com o diferente que podemos ampliar nossas possibilidades.

Tomaz Tadeu da Silva em seu texto *A produção Social da Identidade e da Diferença* discute a importância de se ter uma teoria que possa nos subsidiar nas discussões a respeito de identidade e diferença, pois essas só são categorias conceituais viáveis porque assumimos que o contexto social é diverso. A diversidade também está presente na linguagem, uma vez que essa se constitui com signos diferentes em estreita relação em um sistema de significação que constroem sentidos.

Uma pedagogia que se quer crítica deve vir acompanhada de uma práxis pedagógica que interpele as relações sociais, o ordenamento social, as diferenças, as identidades e tenha como metodologia a ação de problematizar o contexto social. O cuidado reflexivo com a linguagem e o discurso que lançamos mão para nos relacionar uns com os outros, são elementos poderosos para criar efeitos nas pessoas e no entorno tanto para reproduzir a dinâmica da sociedade como para transformá-la.

Essas categorias conceituais não são inocentes. Tratar de diferenças e de identidades é adentrar uma arena repleta de conflitos, poder, disputa, negociação e de luta por condições sociais. Portanto o que está em jogo é a própria viabilidade da existência de pessoas e grupos na sociedade. O processo de excluir/incluir guarda estreita relação com as questões de identidade e diferença e, está marcado pelo poder. Importante sublinhar que diferença e identidade são simultaneamente processos e produtos em dinamismo constante. Os produtos são sempre provisórios, pois nesse interjogo de poder, de negociação e com processos diferentes e simultâneos em ação temos uma força que busca fixar identidades e outra que abre sempre possibilidades de reconstrução dessas.

Silva (2000, p.87) discute a questão da *hibridação que se dá entre identidades situadas assimetricamente em relação ao poder*. A hibridação cria uma confusão no que diz respeito à fixação ou estabilidade de identidades, coloca em xeque os projetos e matrizes identitárias existentes na sociedade, pois incluem diferenças e novas

possibilidades para essas constituições. Além disso, abre espaço para o questionamento de modos de ser previstos.

A linguagem tem uma dimensão de intervenção ampla nos contextos. Quando o professor, em sala de aula, faz afirmações e colocações essas sempre produzem um efeito de sentido. As proposições denominadas *performativas* são aquelas que *a enunciação é absolutamente necessária para a consecução do resultado que anunciam* (SILVA, 2000, p.93). Uma fala do professor quando repetida em momentos diferentes às mesmas pessoas assume um poder de realização do fato em questão. Se muitas vezes o professor sublinha que tal aluno tem uma dificuldade, que outro é interessado, ou mesmo desqualifica, sistematicamente, um aluno esses enunciados produzirão um efeito de “verdade” nos alunos e no contexto em que são proferidas. Nas palavras de Silva (2000, p.93, grifos nossos):

[...] ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um “fato” do mundo social. O que esquecemos é que **aquilo que dizemos** faz parte de uma rede mais ampla de atos lingüísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo .

Portanto é da repetição *e, sobretudo, da possibilidade de sua repetição, que vem a força que um ato lingüístico desse tipo tem no processo de produção da identidade* (SILVA, 2000, p.94, grifo nosso). A identidade se liga a estruturas discursivas e narrativas, a sistemas de representação e relações de poder.

Pensamos que alguns pressupostos são importantes balizas para nos auxiliar na ação reflexiva de nossa atuação pedagógica. São eles, a saber: nascemos com a possibilidade de viver infinitas vidas, mas realizamos *somente* uma (GEERTZ, 2008); há muitas possibilidades legítimas de ser humano; há uma infinidade de conhecimentos produzidos pela humanidade que todos nós temos direito a acessar; o que conhecemos se inscreve em uma matriz de pensamento eurocentrada, porém há outras matrizes válidas que estão em vigor no mundo e que desconhecemos (SANTOS, 2010); são os Outros que criam condições para a formação de nosso Eu (SARTRE, 2012; NIETZSCHE, 2012; RAMOSE, 2010); *nosso ponto de vista é só a vista de um ponto* (BOFF, 2012); ao dialogarmos com os outros aprendemos muito mais do que se estudássemos todo o tempo de nossas vidas solitariamente; preconceitos envenenam nossa estrutura psicológica e nos impede o desenvolvimento (MUNANGA, 2005); o

mundo diverso é mais rico e nos oferece muitas referências para ampliar nossa visão de mundo.

O diálogo autêntico como nos ensinou Paulo Freire é um importante elemento para trabalhar desafiando as práticas pedagógicas e reconstruir outras que possibilitem equitativamente a todos ensinar-aprender. Existem muitas possibilidades de resposta para as perguntas que formulamos, assim como, existem muitas perguntas diferentes a serem feitas para as condições em que vivemos. Precisamos aprender a interpelar o mundo e, nossa atuação nesse. Que fique para nós o desafio de buscar, estudar, dialogar, criar e inventar práticas toda vez que nos depararmos com a ineficiência das que já utilizamos. Quando um aluno não aprende algo é mais honesto buscar entender o que está acontecendo, trazê-lo para mais perto, pois a ciência e a filosofia nos ensinam que o movimento de aproximação e distanciamento de alguém, ou de um objeto de pesquisa, pode nos revelar mais do que se mantivermos o distanciamento habitual. Quando fitamos um quadro de perto podemos ver e perceber detalhes que de longe são invisíveis. No entanto, quando o olhamos de longe temos uma visão impossível de ser vista de perto.

RELAÇÕES SOCIAIS NO BRASIL

O Brasil em sua história traz marcas indeléveis de processos tão violentos e repressivos que se constituíram em contínuo genocídio e etnocídio. O distanciamento social entre opressores e oprimidos foi e é tão acentuado que podemos dizer que tensões e conflitos estão sempre pulsantes nas entranhas dessas relações. As elites dirigentes demonstraram sempre pavor e resistência a uma possível revolta ou levante das classes oprimidas, explicitando esse temor com brutalidade e truculência a qualquer manifestação de descontentamento com a ordem vigente. Sempre a postos com predisposição autoritária de reprimir, conter e criminalizar as explosões de revolta provenientes de uma existência sucumbida pela exploração, maus tratos, opressão, violência e brutalidade dirigidas a trabalhadores, às pessoas empobrecidas e à margem da sociedade. Para tornar esse processo ainda mais cruel, naturalizaram-se essas ações e qualquer manifestação de insatisfação foram e são adjetivadas de baderna e desordem.

Marilena Chauí (2000) em seu livro *Brasil: o mito fundador e sociedade autoritária* discute resultados de pesquisas feitas com a população em que a maioria se diz orgulhosa do Brasil ser um país sem preconceito. A autora mostra que as pessoas

entrevistadas não percebem os abismos que separam os diferentes estratos sociais. As classes melhor posicionadas são indiferentes à pobreza, ignorando-a, ou quando se mostram empática aos sofrimentos alheios, essa postura e sentimento não duram mais do que alguns segundos. Não os mobilizando para trabalhar por equidade social.

As classes dominantes e dirigentes sabem que a profunda desigualdade, tristeza, revolta e amargura provocada pela miséria, pelo preconceito e pela injustiça social funcionam como bombas prestes a explodir e, por isso, mantiveram-se sempre com uma preocupação obsessiva em manter a “ordem” em nome do “progresso”.

O longo período que o Brasil viveu na ditadura e a falácia da democracia, supostamente vigente são emblemáticos, como exemplo dos argumentos aqui expostos.

Ribeiro (1995, p.25) analisa que a qualquer momento pode eclodir *convulsões anárquicas* que inflamem a sociedade. Esse é um risco sempre presente. Essa preocupação em conter os ânimos e manter a ordem inicialmente tinha por motivo o medo da rebelião dos escravos. Caso ocorresse deveria ser reprimida por ações violentas para restaurar a velha ordem autoritária. As chamadas *revoluções preventivas* forjadas pela classe dirigente eram entendidas como um *mal menor* diante de um possível remendo na ordem vigente.

Ainda na esteira da análise do autor acima citado, o Brasil pagou um preço muito alto com as lutas que aqui se travaram, com a crueldade impingida pelo dominador, sem que a maioria absoluta da população não tenha conseguido sair da dependência e opressão. Ameríndios e negros foram dizimados, chacinados aos milhões, mas nem sempre vencidos. Os negros foram recolocados na função de escravos. Continua Ribeiro (1995, p.26) falando sobre uma reordenação social sem convulsão social em direção à democracia:

Mas ela é muitíssimo improvável neste país em que uns poucos milhares de grandes proprietários podem açambarcar³ a maior parte de seu território, compelindo milhões de trabalhadores a se urbanizarem para viver a vida famélica das favelas, por força da manutenção de umas velhas leis. Cada vez que um político nacionalista ou populista se encaminha para a revisão da institucionalidade, as classes dominantes apelam para a repressão e a força.

O papel dos movimentos sociais no Brasil é de fundamental importância para tensionar a ordem existente. Por isso mesmo que a mídia, comprometida com os grupos de poder, criminaliza os movimentos sociais, enquanto oculta da população os crimes

³ Apossar-se, tomar para si sem que outras pessoas usufruam dos mesmos benefícios.

cometidos pela esfera do Estado. Essa organização reivindicativa põe os governos em alerta, pois a cada vitória dos movimentos sociais, a sociedade tem a revelação da força e do poder da população organizada, crítica e politizada.

Essas são as condições que temos desde os tempos em que o europeu se aventurou pelos mares e desembarcou em nosso continente. O estrangeiro encontrou muitas riquezas nas terras brasileiras e, “fez” da população tradicional ameríndia, dona dessas terras, de seus conhecimentos tradicionais valiosíssimos, de suas crenças religiosas e visão de mundo em contraste e contraponto com a do europeu, uma população “atrasada”, “ignorante” e “selvagem”. O “civilizado” se apossou do que as novas terras ofereciam e com sua crueldade realizou por séculos a barbárie nessa sociedade. É urgente que nós professores possamos contar e recontar nossa história, trazendo a tona nossa riqueza, nosso valor, nossa força e beleza para que comecemos a construir um povo que pensa, capaz de se organizar, de reivindicar e de se colocar diante de quem quer que seja com dignidade e cabeça erguida, exigindo relações equitativas.

A PEDAGOGIA DA DIFERENÇA OU INTERCULTURAL

São pedagogias próprias dos educadores que estão mobilizados para a construção de uma sociedade muito diferente dessa que temos. São práxis que se importam com o Outro e tem como interesse honesto o desenvolvimento e aprendizagem dos sujeitos sociais. Nesse alicerce é possível ver a construção de uma premissa primeira de que *uns se importam e cuidam dos outros*. No trabalho docente o êxito do aluno, sua aprendizagem e desenvolvimento vêm como coroamento ao trabalho docente que também foi profícuo.

O mundo é constantemente problematizado, questionado, pensado. O bem estar social é tratado como objetivo educacional que se pauta pelo fazer, crescer, aprender, ensinar, conviver e cuidar de tudo que nos permite uma vida saudável. As pessoas são o centro de interesses e a educação só tem sentido quando permitir que as pessoas consigam convivência pautada no respeito, no diálogo e na dignidade. Alunos e professores são estimulados a compartilharem o que sabem e nesse diálogo todos saem sabendo muito mais. Respeitar as diferenças não significa necessariamente transformar-se para ser como o Outro. Longe disso, pois a pedagogia da diferença, da interculturalidade prevê as múltiplas possibilidades de ser em convivência.

Nosso fazer pedagógico retrata um posicionamento diante do mundo e como disse o mestre Paulo Freire é um ato político. E como tal, deve ser interrogado, problematizado para um adensamento de nossas práxis pedagógicas. A educação, como a história nos sinaliza, é um dos alicerces da sociedade. Sendo assim, trabalhar em prol de uma educação pública, democrática e laica, que acolha a pluralidade e a diversidade é fundamental para construirmos um país com todos os grupos sociais representados nas instâncias de poder e com força deliberativa que garantam condições dignas de vida. Isso é compromisso de nós educadores. As escolas, como instituições sociais, são espaços privilegiados para construção e materialização dessas propostas. Vale lembrar que a transformação social só se dá quando alimentamos nossas utopias⁴.

Chimamanda Adichie (2012) nos alerta para o Perigo da História Única, pois ela traz somente o olhar de uns contra outros. Muitas histórias contadas por perspectivas diferentes nos revelam a riqueza e pluralidade de idéias que no Brasil tem sido tão difícil fazer circular na mídia, haja vista o comprometimento dessa com a lógica do capital.

A pedagogia da diferença e da Interculturalidade restaura o vínculo estreito entre a vida social e a vida escolar, já há muito rompido. A alegria e o movimento, a autenticidade tem espaço no contexto educacional, assim como o conflito deixa de ser visto como algo indesejável, que se deve eliminar. Não! o conflito também é pedagógico. Freire escreveu uma obra especialmente dedicada a isso.

Ser questionado faz parte da vida social. Quem não aceita críticas é porque se caracteriza como autoritário. Pensar em democracia só é possível quando se tem claro que nessa organização os espaços de participação devem ser de todos, abertos, e assim sendo, os questionamentos, as críticas, os conflitos são constitutivos de decisões e deliberações democráticas.

A legitimidade de um professor como autoridade, exemplo e modelo para seus alunos passa por sua condição de abertura e diálogo para com eles, além claro, do domínio técnico exigido para sua profissão.

O material que escolhemos para trabalhar com nossos alunos deve ser alvo constante de questionamentos e análise crítica. A vida social de cada um deve ter espaço na escola para ser discutida e pensada como ação pedagógica. Rever conceitos, espaços,

⁴ O termo utopia vem do grego, *u-topos*, que quer dizer em nenhum lugar. É o que não está em nenhum lugar, o que ainda não existe. É uma aspiração a uma ordem social, a um sistema social que ainda não existe em nenhum lugar e que, portanto, está em contradição com a ordem existente, com a ordem estabelecida.

tempos, relações e epistemologias são fundamentais na construção da escola que queremos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem dessa temática no contexto escolar chamou nossa atenção para a importância de revermos e problematizarmos a atividade docente em um espaço convergente de diversidades e identidades. Um novo olhar sobre o conceito de diferença se fez necessário uma vez que este dava indicativo de valor entre as pessoas, gerava situações constrangedoras e comprometia a qualidade das relações no processo de ensino e aprendizagem.

Como a escola está inserida em um contexto maior, a sociedade, entendemos a articulação estreita entre ambas, e, dessa forma, qualquer intervenção significativa na sociedade tem consequências educacionais e vice-versa.

Para que tenhamos elementos e referências outras que nos possam reposicionar frente a certas situações, valores e idéias em um movimento emancipatório, devemos exercer o poder que temos e fazer de nossa profissão docente uma ação intervencionista em direção a construção de uma sociedade democrática, equitativa em que cada um possa pensar sempre nas circunstâncias como um problema de *um de nós ou de muitos de nós*.

O que deve ser colocado em evidência é que além do pensamento crítico perpassar todas as instâncias educativas é urgente que as instituições educacionais reconheçam a presença e os questionamentos construídos por militantes e lideranças dos movimentos sociais, da diversidade que adentra legitimamente as escolas e universidades. Ouvir e considerar essas manifestações e indagações expõem como feridas purulentas a desigualdade, a segregação, a discriminação, os preconceitos, as hierarquias fomentando outras e novas inquietações políticas.

A pedagogia dos movimentos sociais mostra que o conhecimento, o direito, a cultura e a educação se articulam com os direitos mais básicos pelos quais lutam, tais como: a vida, a terra, o alimento, a saúde, o trabalho, as identidades e a participação social, política e econômica. Qualquer processo educativo que subtraia esses elementos de sua pedagogia está a serviço de ideologias que preservam certos grupos no poder em detrimento da população local.

Diferença não é sinônimo de desigualdade ou inferioridade, mas tão somente de outra possibilidade de ser. Preconceitos e violência como vimos não estão localizados em pessoas ou espaços específicos, mas fazem parte da trama constitutiva da história social do Brasil. Sendo assim, o que almejamos é uma transformação radical tanto na esfera política, econômica, social e pedagógica. Com uma práxis pedagógica politizada, reflexiva, consciente de suas conseqüências, da importância do acolhimento de coletivos diversos nas instituições educativas e da atuação docente no contexto social, temos mais condições e esperança de conseguirmos, com esforço conjunto, um mundo compartilhado, solidário e ético.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. O Perigo da História Única. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc> Acesso em 2012.

BARROS-FILHO, Clóvis. Aula sobre Alteridade. Vídeo. Disponível em <http://www.espacoetica.com.br/> Acesso em 2012.

BERGER, P.L. e LUCKMANN. Construção Social da Realidade. 17ª. edição. Petrópolis. Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. *A Águia e a Galinha: uma metáfora da condição humana*. Disponível em: <http://ebookbrowse.net/a-%C3%81guia-e-a-galinha-leonardo-boff-pdf-d677192466> Acesso em 2012.

BRASIL EI PAÍS. PM reprime protesto de professores em Curitiba e mais de 200 se ferem. Jornal On Line. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/29/politica/1430337175_476628.html Acesso em abril de 2015.

CARTA CAPITAL. Parlatório. Violência da PM deixa mais de 200 feridos no Paraná. *Polícia usou balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e jatos d'água contra manifestantes*. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/violencia-da-pm-deixa-mais-de-cem-feridos-no-parana-6622.html>

CHAUÍ, Marilena. Brasil Mito Fundador e Sociedade Autoritária. 4. ed. São Paulo: Fund.Perseu Abramo, 2001.

FRANÇA, Cecília de Campos. Políticas de Identidades e Estratégias Identitárias: Reflexões sobre a dinâmica de relações exclusão/inclusão no contexto escolar. Tese de doutorado. PUC/SP, 2005.

Material Produzido para os encontros do Projeto Educação e Diversidade, Novos Talentos, 2012, 2013.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. 1ª ed., 13ª reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 6ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

HABERMAS, Jürgen. *A Inclusão do Outro: estudos de teoria política*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MUNANGA, Kabenguele. Apresentação. In: MUNANGA, Kabenguele (org). *Superando o Racismo na Escola*. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, pp. 15-20.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano Demasiado Humano*. Disponível em: <http://pensamentosnomadas.files.wordpress.com/2012/11/humano-demasiado-humano1.pdf> Acesso em 2012.

PRAGMATISMO POLÍTICO. As Imagens de um Cenário de Barbárie e Guerra no Paraná. *Jornal on Line*. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/04/as-imagens-de-um-cenario-de-barbarie-e-guerra-no-parana.html> Acesso em abril de 2015.

RAMOSE, Mogobe B. Globalização e Ubuntu. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, pp. 175-220.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (orgs). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SARTRE, Jean Paul. *O ser e o nada*. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/52203834/O-Ser-e-o-Nada-Jean-Paul-Sartre> Acesso em 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000, pp.73-102.

SINPRO. Chora Paraná, Luta Brasil. a resistência dos servidores e a solidariedade de todo país. Disponível em: <http://www.sinprodf.org.br/chora-parana-luta-brasil-a-resistencia-dos-servidores-do-parana-e-a-solidariedade-de-todo-o-pais/> 05 de maio de 2015.